



Projeto Mário Travassos

Artigo de Opinião

Há luz na Lua nova

Maj Pedro Henrique de Araújo Bezerra Mendes

(Opinião de inteira responsabilidade do autor)

2023

Há luz na Lua nova

Pedro Henrique de Araújo Bezerra Mendes

Em novembro de 2018, embarquei para a antiga capital e metrópole lusitana. Há quatro meses, havia sido designado instrutor da Missão de Treinamento Militar da União Europeia na República Centro-Africana (EUTM-RCA). Era a primeira participação de brasileiros nesse tipo de missão. Após o pico de euforia pela seleção, veio a pergunta: onde fica a República Centro Africana? Ora, no centro da África, obviamente... e não podia ser diferente! Após um *Google*, uma sensível novidade: tratava-se do 194º IDH do mundo... de 195 países. O trabalho passou a se descortinar mais complexo do que eu poderia imaginar.

Prezado leitor, nessa fase inicial, sugiro que use aquela mesma ferramenta de pesquisa que não deve estar muito longe de suas mãos e veja as imagens que irá encontrar sobre esse país.... Pronto? Os mais sensíveis podem até ter ficado com olhos umedecidos. Certamente, nada que seja turístico lhe foi apresentado.

A missão vinha de uma cooperação bilateral Brasil-Portugal, para auxiliar um país carente no coração da Mãe África. Essa miscelânea histórico-cultural não poderia ser mais rica, e o meu coração acelerava a cada nova pesquisa.

Após ter passado o ano novo na *Côte d'Azur*, na icônica cidade-estado de Mônaco, em janeiro de 2019, desembarquei em solo africano, precisamente na capital Bangui de *la coquete! La coquete*, pasmem, remonta aos tempos da colonização francesa, quando esse canto do mundo fora um destino para os que buscavam conhecer a floresta tropical africana. Minhas retinas, que dias antes se deslumbravam e desfrutavam da opulência das praias mediterrâneas, se chocavam agora com os açougues na poeira, digo, a céu aberto, com tons alaranjados do piso de barro, da avenida *Marché des Combatants*.

Passada a delicada ambientação (se é que se pode empregar esse adjetivo), na Base Militar *Camp Moana*, eu recebi as minhas primeiras missões. A expectativa era ser

instrutor de Direitos Internacionais Humanitários. Porém, por uma demanda inesperada, um desafio se descortinou no âmbito do Pilar Educacional que eu integrava: conduzir aulas de inglês para tenentes das Forças Armadas Centro-Africanas (FACA). Entre portugueses, romenos, franceses, italianos e brasileiros, não havia militares que fossem professores de língua inglesa. Sentado à mesa de reuniões, o Coronel Oller, meu chefe, olhou a sua equipe e estalou os dedos, procurando uma solução para a problema. Seu olhar cruzou com o meu:

– Capitão Henrique, está contigo!?

– Sim senhor! – respondi mais por reflexo condicionado do que por convicção.

Procurei conter a minha inquietação com as crenças herdadas de um sábio comandante: “missão não se escolhe, se cumpre!”

Dias depois, já no campo de instrução militar, *Camp Kassai*, eu estava em uma sala de piso batido, sob um teto de telhas de zinco e amianto e com as mangas do uniforme esticadas para combater o bicho que mais matava, o mosquito vetor da malária. Lá fora, o sol, a umidade e a completa falta de vento contribuíam para que o cheiro de suor, repelente, protetor solar e das desconfortáveis cadeiras e mesas de madeira instáveis, frequentemente niveladas com folhas de árvores, evocassem aquele recinto mais do que qualquer outra imagem, no futuro.

Conseguíamos alimentar as tomadas por meio de um barulhento gerador a diesel, com o qual a minha voz disputava para conquistar os ouvintes. Embora a energia fosse oscilante, era utilizada para ligar computadores e projetores; imediatamente, sedentas régua de alimentação elétrica se conectavam umas às outras para que celulares funcionassem, daqueles que, além das dez teclas numéricas, possuem mais duas - verde para aceitar ligação e vermelha para desligar – no anseio de, pelo menos por um tempo, ter alguma bateria. Sim, se o leitor teve celular nos idos dos anos 2000, são a esses a que me refiro.

Dentro de mim, uma série de conexões neuronais se enrolavam e se desenrolavam na minha língua, tentando pensar em português, falar em francês e explicar a língua inglesa. Pelo menos eu achava que estava fazendo isso. Diante de mim, irmãos de pele tão escura cujos olhos e sorrisos, de cor contrastante, me fitavam com expectativa e vontade para aprender um idioma dito universal. Seus olhares eram o combustível para minha dedicação e esforço. Porém, o esforço era deles. A aprovação naquela disciplina era uma condição para a sua permanência em sua Força. Mais do que sua profissão, era o sustento de suas famílias que estava em jogo.

E dentre os discentes, um se destacava: Mahamat. Pelo seu porte físico, nascido em outras condições, facilmente teria se encontrado no meio esportivo (lutas, atletismo, basquete ou futebol). Porém, tal perspectiva inexistia para esse povo. Sentado à frente com grande dificuldade de leitura, usava óculos inadequados. Perguntei como ele os havia adquirido e ele me respondeu: “foi de herança”. Suas anotações eram minuciosamente registradas naqueles cadernos que se tornavam suas gramáticas e fontes fiéis de consulta. O material didático e os livros eram tão raros e nobres para ele quanto as enciclopédias já foram um dia. Embora fosse o estudante com mais dificuldade, compensava as desvantagens com seu grande esforço e dedicação.

Na véspera da prova final, fiz questão de orientar todos com a maior quantidade de detalhes. Tratava-se de uma prova oral, e eles teriam de fazer uma apresentação individual, falando um pouco sobre sua profissão por cerca de cinco minutos. Todos haviam tomado registro sobre o que deviam fazer e falar. A maioria conseguiria falar de cabeça, tinha certeza. Alguns poucos, com maior dificuldade, decorariam o que falar. Estava tranquilo pela maioria, mas certamente Mahamat estaria no segundo grupo.

À noite, depois de chegar ao meu climatizado contêiner e tomar uma revigorante ducha quente, sob a luz amarela do meu abajur, resolvi me dedicar para melhorar um pouco o meu francês.

– Mas que droga de internet 3G! Impossível baixar qualquer áudio para fazer o exercício. Desisto! – falei em voz alta, mesmo sozinho no quarto, desagradado pelas condições daquele país.

No dia seguinte, atrás de mim, a banca julgadora, composta pelo Cel Oller e mais dois oficiais, julgava o desempenho de cada aluno. Um a um foi passando e, entre notas 7 e 8, iam conseguindo a aprovação. *L'étudiant* de perfil atlético ficou por último. Ao iniciar sua apresentação, seu nervosismo era patente. Balbuciou algumas palavras, mas fora de ordem e desconexas. Deu-se uma segunda chance. O resultado melhorou, mas era ainda insuficiente. Segundo o barema, nota 4,5. Ele seria o único a ser reprovado. Olhei para meu chefe, balançando a cabeça de maneira sutil em sinal negativo, quando ele falou:

– O que aconteceu, Tenente Mahamat? Você não se preparou? – perguntou em tom ríspido.

– Sim senhor, meu coronel, com o que tinha ao meu alcance.

– E isso foi o seu melhor? O que o impediu? – indagou de forma suspeitosa o coronel, com uma de suas sobranceiras arqueadas.

– Ontem, ao final da tarde, quando o capitão deixou a sala, o gerador foi desligado e, como de costume, à noite, tudo ficou escuro. Não consegui tomadas durante a aula e todos estavam usando seus celulares para iluminar e memorizar seus textos de apresentação. Meu celular rapidamente descarregou e não sei se o senhor percebeu, mas ontem era noite de lua nova e as estrelas não foram suficientes para ler e estudar o que precisava para hoje. Me desculpem pelo fracasso – retrucou o homem de seus 1,90m, com as mãos espalmadas, coladas lateralmente nas coxas, com queixo erguido, ainda com os olhos lacrimejando e o suor escorrendo pelas têmporas.

O coronel se levantou da cadeira e continuou a interpelar o que estava em xeque. Nesse ínterim, vieram algumas reflexões. O esforço daquele homem não poderia ser definido por uma mera avaliação de natureza intelectual. O que de fato estávamos avaliando? Como não levar em conta a sua energia despendida em todo processo? Por que um francês decidiria a respeito do que um brasileiro havia ensinado sobre a língua inglesa, e assimilado por um centro-africano, estaria digno de aprovação ou não? Como definir o sucesso de um homem que, embora não tivesse luz para seus estudos, dispunha de energia tamanha para enfrentar as suas lidas? Eu já conhecia um pouco do coração francófono e sabia que o coronel não julgaria o tenente de maneira superficial. A luz que faltara na noite anterior haveria de iluminar aquele momento.

Com um nó na garganta, fitei meu comandante. Mas antes de poder abrir a boca para argumentar, irrompeu o coronel Oller:

– *Zo Kwe Zo*, “Somos todos iguais”, diz o lema do Brasão das Armas de seu país, jovem tenente. Diante do seu esforço, não vejo como nos colocarmos a posição de julgá-lo. Muito obrigado pelo ensinamento de luta no dia de hoje. Capitão, aprove-o!

“ZO KWE ZO” é um lema nacional que vem da língua *sango*, que é uma das línguas oficiais da República Centro-Africana. Esse lema é frequentemente traduzido como **"Cada um é igual a cada um" ou "Todos são iguais"**. Expressa a ideia de igualdade, unidade e coexistência pacífica dentro do país, enfatizando a importância da harmonia e respeito entre todos os cidadãos, independentemente de suas diferenças. No contexto do brasão de armas, o lema “ZO KWE ZO” simboliza os valores fundamentais da República Centro-Africana, promovendo a coesão social e a diversidade étnica, bem como a aspiração por uma nação pacífica e unificada.

